

OLHARES NA PALMA DA MÃO





Óleo s/ tela 82 x 66 cm – 2000



Aproximou-se da porta, e devagarinho, encostada à parede, entrou. Hesitante, foi olhando em volta, até que o viu. Ali estava ele, impávido e sereno, senhor de si, dominando a sala com toda a sua altura. Ela, receosa, não se decidia a olhá-lo de frente. Ele aguardava-a, simplesmente. Mas por que é que tinha entrado? Que força era essa que a atraía como poucas?

Lembrava-se bem do primeiro encontro. Há tantos anos, tantos! E daí...talvez nem tantos assim. Afinal, sempre tinha existido aquele espaço enorme, aquela Casa de todos, onde em cada Setembro se encontravam e onde, naquele ano, tudo tinha acontecido.

Era um dia calmo, sereno, dourado. O grande castanheiro do jardim anunciava fartura, mas eram as folhas no chão que lhe despertavam o interesse. Costumava juntá-las como quem faz leques e perder-se naquele enleio, seguindo percursos ao acaso, até acabar por ouvir alguém chamar por ela.

Naquele dia, a manhã acordara molhada e a Avó tinha dito "Hoje ninguém vai lá para fora. Não me parece que a chuva vá parar."

Mafalda, entrevendo o grande castanheiro fustigado pela água que o vento empurrava, mirava-o com tristeza e olhava as folhas caídas em volta, cada vez mais molhadas.

"Não arranjas nada com que te possas entreter, Mafalda?". "Não, Avó, só me apetece olhar lá para fora, estar à janela; não consigo tirar os olhos do castanheiro! Não sei, é como se estivesse a despedir-me dele..."

O dia continuou na sua lentidão especial e Mafalda não se afastou da janela até que escureceu.

Foi uma noite arrepiante. O ribombar dos trovões não cessava e tudo parecia tremer em redor. Rezava-se a Santa Bárbara, e cada um ao seu Anjo da Guarda; a Avó dava o mote e o Terço lá ia sendo desfiado. O sono chegava e uns e outros recolhiam aos quartos, esperando pela bonança que, certamente, o dia seguinte traria.

Na verdade, a bonança chegou; todavia, com ela, também, uma triste surpresa: o castanheiro centenário que a tanto assistira já, tinha sido atingido por um raio e jazia, decepado, onde antes se impunha como dono e senhor do seu espaço.

Mafalda não se conteve e deixou que as lágrimas lhe invadissem a alma. Chorou, como se chora pelo nosso melhor amigo. A Avó, de longe, ia observando, sem nada dizer. Deixou que aquela expansão de tristeza se

fosse diluindo, embora, conhecendo a neta como conhecia, soubesse que aquela dor havia de permanecer com ela.

Os anos passaram, uns mais depressa do que outros. Mafalda foi definindo rumos na vida, mas a solidão que sentia sempre que voltava àquela Casa, tolhia-a e ensombra-lhe a memória.

Até que um dia, a Avó lhe disse “Vem cá, Mafalda! Acho que chegou o momento!” Abrindo a porta, fê-la entrar numa sala onde pouco se costumava ir. Encostada a um grande cavalete, estava uma enorme tela; ao lado, uma paleta, pincéis e bisnagas de tintas de várias cores, um retalho velho de pano e uma lata. “Tudo isto veio propositadamente para ti. Acho que sabes por quê.”

Mafalda não se mexeu, apenas olhou longamente a Avó e ali ficou, no meio da sala, como quem tenta chamar o que passou para o outro lado da memória. Mas em vão. A memória não respondia ao apelo. Assim se passaram alguns dias até que Mafalda se atreveu a pegar nos pincéis. Aproximando-se da tela, acariciou-a. E, fechando os olhos, deixou-se transportar até àquele dia último que passara, cúmplice, à janela.

Abriu a primeira bisnaga e apertou-a sobre a paleta; depois, fez o mesmo à segunda e à terceira e o primeiro traço surgiu na tela. A partir daquele momento, o mundo parou para ela. Dentro daquela sala, o tempo deixou de correr. Ia já alta a noite, quando Mafalda sentiu a Avó junto dela. Não houve palavras, apenas um abraço profundo, sentido, um abraço em que se encerrava tudo aquilo que nunca havia sido dito. Foi também nessa noite que a Avó desapareceu para sempre.

Mafalda tinha-se tornado pintora. Pintava emoções, desejos, intimidades, sentimentos, sempre com um toque de nostalgia que deixava adivinhar um percurso atravessado por uma marca indelével. Jamais tinha pintado uma árvore e nunca o Outono estava presente nas suas composições.

Era esse o segredo que só a Avó conhecia: a mágoa de quem se vê, de repente, sem raízes, as raízes que nos prendem a lugares que são lugares de partilha nos quais outros viveram e hão-de viver. Pela mão da Avó, Mafalda reencontrara-as, para logo as perder de novo.

A tela permanecera no mesmo sítio, por expreso desejo de Mafalda. Não queria expor-se dessa maneira transparente; tinha receio que lhe entrassem na alma, lha perscrutassem e ficassem a conhecer o que sempre lhe estivera no íntimo e tivera vontade de guardar para si.

Preparava-se a exposição que marcava os 25 anos da carreira de Mafalda. Os críticos, muito críticos, anunciavam um "dejá vu", os menos críticos, tidos por aqueles como ignorantes, mostravam-se na expectativa, mas sobretudo diziam todos mal uns dos outros, como de costume. Mafalda nunca lhes tinha dado demasiada importância.

Ia a caminho da Casa Grande. Pensava em tudo quanto tinha realizado e naquilo que tinha ficado por concretizar. Pensava, sobretudo, na Avó que tinha perdido, na falta que lhe fazia e no segredo que haviam partilhado.

Parou o carro, ao chegar, e saiu devagar, contornando-o em passos sem pressa. Subiu as escadas de pedra e abriu a pesada porta. Foi avançando como quem avança receoso e hesitante. Empurrou mais uma porta, devagarinho, e, timidamente, apoiada à parede, esboçou um primeiro olhar rápido e não muito certo. Mas, sim, eram eles... Olhou-os de frente, olhou para o grande castanheiro da sua infância e juventude e para a pessoa que via ao lado dele, doce e firme. E sentiu, finalmente, que a alma se lhe abria!

P.S. Pearl Buck escreveu "A Velha Árvore". Lembro-me tão bem do prazer que senti ao ler essa história tão bonita.

